

---

# DOSSIÊ: ÉTICA E PESQUISA COM IMAGENS

## APRESENTAÇÃO

O Dossiê “Ética e Pesquisa com Imagens” nasceu vinculado ao Laboratório de Educação e Imagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Lab-Edu-Imagem/ UERJ) em seu VII Seminário realizado, com organização geral de Maílssa Passos e Nilda Alves, no período de 27 a 28 de novembro de 2014, congregando pesquisadores de grupos articulados (da UERJ) e associados (externos à UERJ).

Neste Dossiê, especificamente, essa temática é abordada em diferentes dimensões, partindo da ética como um conceito não universal e/ou universalizante, visto que tal perspectiva tenderia a uma moral reguladora. Assim, concordando que nossas práticas discursivas e/ou nossos horizontes *teóricospráticospolíticos* são plurais, busca esse Dossiê problematizar a assunção de uma normatividade hierárquica que enquadre a produção e o uso de imagens na pesquisa tanto do ponto de vista ético, como técnico ou artístico.

Nesse sentido, Gustavo Fischman afirma a impossibilidade de separar o visual dos fenômenos educacionais e da influência, cada vez mais forte, das “culturas visuais”, em oposição à possibilidade de existência de uma singularidade cultural. Colocando como ponto de partida, portanto, a dimensão visual, o entrevistado pontua que, então, os problemas passam a ser de outra ordem. Questiona: existem imagens prototípicas ou fortes em relação com a problemática de pesquisa e/ou de estudo? Como se relacionam as culturas visuais com a questão da pesquisa? Que ferramentas metodológicas e teóricas será preciso incorporar? Discorre sobre como o modo como a incorporação da dimensão visual requer adequações do projeto de pesquisa e das práticas dos pesquisadores, podendo ser uma tarefa complicada, no entanto, as complicações são, em sua posição, mais de ordem “prática” e “técnica” que de ordem ética ou epistemológica.

Para Maria Ciavatta, Renata Reis e Rosângela da Rosa é da realidade que emergem as questões de pesquisa que atravessam o trabalho de pesquisadores que trabalham com imagens e os problemas que se geram nas ciências humanas e sociais ao se depararem com os protocolos e prazos de Comitês de Ética em pesquisa. Apresentam um quadro geral de questões envolvidas na discussão sobre os Comitês de Ética na pesquisa científica no Brasil, tomando, como base de reflexão, pesquisas desenvolvidas sobre história, documentação e imagens e os cânones prescritivos para sua utilização. Tratam da historicidade do ethos da ciência no espaçotempo do capitalismo

---

contemporâneo e retomam, para tanto, alguns trabalhos que refletem sobre a imagem e a questão do Outro, e sobre a questão do direito no uso de imagens e a indústria cultural.

Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães Carvalho analisam a moral como lugar de dominação e sujeição, distinguindo-a da ética, em associação com a estética e a política, como potência criadora de afirmação da vida, avaliando como, no contemporâneo, as imagens são capturadas pelo capitalismo, que como “religião”, cultua o valor-consumo, o valor-exibição. Apontam a necessária profanação da imagem-clichê por meio do movimento do pensamento e, para tanto, posicionam-se contra qualquer possibilidade de produção e uso de imagens na pesquisa em educação como “catecismo” metodológico.

Em seu texto, Antonio Carlos Amorim e Davina Marques pensam a ética nas/pelas imagens que acontecem entre as passagens das obras “Campo Geral” (1956), de João Guimarães, e Mutum (2007), de Sandra Kogut. Exploram, nesta discussão, principalmente os escritos filosóficos sobre literatura menor e fabulação, a fim de reencontrar o conceito de resistência e combate como processo afirmativo de liberações éticas imanentes à experimentação, ao devir, à sensação.

Carmem Lúcia Vidal Perez busca discutir as implicações éticas nas pesquisas com o cotidiano das escolas, com as crianças e com as suas imagens. No primeiro momento, a partir da grafia pesquisada, a autora problematiza o conectivo com na perspectiva das redes cotidianas de saberes-fazer, a partir das noções de comum e singular, mais especificamente de singularidade, para pensarmos uma ética de pesquisa com os sujeitos praticantes da/na escola. No segundo momento, traz o conceito de ritornelo como solo das imagens polifônicas engendradas pelas crianças. O ritornelo como “lei costumeira”, “não escrita” é um ethos, mas o ethos é também a morada. E é como morada que a autora pensa o que comumente chamamos de “ética infantil”: não como uma ética das crianças, mas como uma ética com as crianças; não como uma ética que controla, delimita, prescreve, mas como uma ética que escapa ao sentido dado, que escapa à palavra acostuada e produz imagens outras que não é uma técnica, que não faz procedimento, mas que é experimentação de um movimento nômade no território dos afetos: uma “geo-ética”.

Na sua narrativa, Eliseu Clementino de Souza e Verbena Maria Rocha Cordeiro associam imagens, (auto)biografias e escrita e, para isso, analisam imagens e excertos biográficos, ao tomar como corpus o livro O lugar do Escritor, de Eder Chiodetto. Buscando tematizar a construção das identidades dos escritores abordados, a partir de situações representativas de seus percursos criativos, figurados em expressões, gestos e cenários, fixados em imagens fotográficas, examinam os sentidos sugeridos nas fotos, na perspectiva de refletir em que medida elas nos servem como meio simbólico de compreensão da vida criativa dos escritores a serem examinados. A imagem

---

congelada nas fotos pode ser lida como documento de trajetórias de vidas, complementar aos demais dados biográficos que compõem o perfil de cada escritor. Sendo assim, as fotos impregnadas de índices de vida permitem uma possível leitura para renovar nossos olhares sobre o ato de criação artística e de uma ética e estética da existência.

Finalizando, Karina Valença, Maria Tereza Didier e Rui Mesquita analisam a crise da cultura produtivista no âmbito da academia, percebendo-a como acontecimento que pode conduzir a radicais rotas de fuga. Para ganhar tal potência política, afirmam a necessidade de indagar sobre a noção moderna de autoria, construindo um ambiente que seja capaz de ampliar as possibilidades de sentir e anunciar. Com esse objetivo, narram três cenas, quais sejam, Narreduc, Baobá e Ocupe Estelita. Na esteira do desconstrucionismo da filosofia do sujeito, dialogam - a partir de Foucault - com autores que possibilitam colocar em questão o estatuto do autor, entendido como uma das principais encarnações da metafísica da subjetividade. Defendem, finalmente, a partir das experiências estéticas narradas, a necessidade de invenção de um modo narrativo e não autoral de fazer pesquisa em educação - com o alerta de que isso requer o enfrentamento da aridez e da inflexibilidade de nossas instituições.

*Carlos Eduardo Ferraço  
Janete Magalhães Carvalho*